

ARMANDO GNISCI RESPONDE A 3 PERGUNTAS

Num dos seus mais recentes livros, Mondializzare la mente, defende a necessidade de “descolonizar” os europeus, ou seja, de pôr fim, definitivamente, a uma mentalidade colonialista que não se encontra extinta. Em seu entender, qual é o espaço que cabe à história da literatura nesta descolonização?

O próprio espaço da descolonização. Mas vejamos. Antes de mais, é preciso saber qual é a história da literatura que está em causa. As histórias da literatura nacionais, típicas de vários países europeus, nos dias de hoje deviam ser apagadas e deviam ser substituídas por manuais histórico-antológico-retórico-críticos de literaturas europeias e mediterrânicas: o nosso ambiente histórico comum, recortado no tapete mundial. Um ambiente no qual as nações coloniais imperiais, atlânticas, tiveram, porém, *una storia diversa*, a que me referi há alguns anos num livro que tem esse mesmo título. O debate cultural e interdisciplinar sobre este assunto ainda não existe – basta pensar que esse meu livro, a que acabei de aludir e que escrevi 2001, foi traduzido em espanhol (Cuba)

Armando Gnisci ensina Literatura Comparada na Universidade de Roma, La Sapienza, e Interculturalidade na Universidade Ca' Foscari de Veneza. Estuda a literatura em correlação com as mobilidades e a colonização. Publicou mais de 40 livros que estão traduzidos em muitas línguas. Mais recentemente, editou *Mondializzare la mente*.

e em árabe, mas não foi *lido*, ou melhor, *traduzido*, para italiano – porque até ao momento tem vindo a ser muito discutido o como, o porquê e o para quem escrever as histórias literárias nacionais, mas não tem sido discutida a sua extinção, para tentar seguir outro rumo. Na área franco-alemã, começou-se a falar um pouco sobre isso e a fazer manuais de literatura europeia, ao passo que em Espanha se discute e se projecta uma historiografia literária ibérica multinacional e na Europa central, excolónia soviética, desde o início dos anos 90 que se começou a colocar a questão de saber como adequar o regresso à Europa e ao mundo dos programas escolares e universitários para o estudo histórico e literário. Eu próprio e os meus estudantes trabalhamos, e continuamos a trabalhar, com colegas de Bratislava e de Santiago de Compostela, por exemplo, acerca de questões desse género, que são absolutamente abertas. Em Itália, parece-me que as histórias da literatura continuam a proliferar como num supermercado escolar, um beco sem saída.

Como perspectiva as fronteiras entre história da literatura italiana e história da literatura mundial?

A história mundial e a literatura dos mundos formam o horizonte cruzado no qual se aloja um estudo literário euro-mediterrânico. Mas, também neste caso, a moradia ainda não está pronta, apesar de ter sido iniciada com um palácio que Goethe começou a construir há dois séculos. Creio que reler um livro como *Age of Extremes* de Hobsbawm, sob este prisma, podia acender a chama adequada, também aqui. E, contudo, cada literatura nacional mantém sempre complexas relações mundiais, uma rede de relações que é, sistematicamente, *não vista*, e portanto ignorada pelos manuais histórico-nacionais, se não reentra no plano biográfico ou no da atribuição de Prémios Nobel e de coisas semelhantes.

Que efeitos acha que a mobilidade global tem sobre a especificidade da literatura italiana?

Entendo que uma das características da assim chamada literatura italiana esteja ligada ao seu “destino nacional” de colónia europeia trimilenária que marca toda a história da Península Itálica. Este passado / não-passado (somos a última colónia da Igreja católica, apesar do seu declínio planetário, e *também* itálico), é aquilo de que nos devemos descolonizar. A grande migração planetária actual, para um país que foi constantemente invadido por povos em guerra durante 3 000 anos, parece apresentar-se como uma formidável ocasião para fazer aflorar contradições e razões da nossa longa identidade euro-mediterrânica e da sua deriva silenciosa, sempre recoberta pelo rumor intelectual.